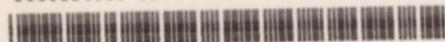


JFT-8.7.11.3.54

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE033193

PERRONI, Luciano Prestes. A tradição e o Colégio Culto à Ciência. Correio Popular, Campinas, 21 jul. 1946.

A tradição e o Colégio Culto à Ciência

(Para o "CORREIO POPULAR") de 21.7.46

— LUCIANO PRESTES PERRONI —

O abençoado ideal da gente campineira — Após a leitura do formoso livro do dr. Carlos de Paula, com dedicatória lisonjeira à minha humilde pessoa, quero externar publicamente a impressão que o livro deixou nos retolhos da minha alma e comentar, com sinceridade, questão magna do problema educacional de S. Paulo. Campinas é a fonte perenal das ideias peregrinas, é o nascedouro divino das águas límpidas dos mais santificados sonhos de verdade, de beleza e virtudes, e quis a mercê de Deus que aqui também a educação encontrasse os paladinos admiráveis, cuja obra heroica será o marco da sementeira da própria civilização avançando no desbravamento da nacionalidade, para o plantio da humanização racional do criança, do adolescente e do homem do Brasil. O livro do abalizado mestre, é um estudo do nascimento, evolução e coroamento do Colégio "Culto à Ciência", e com orgulho faço intitular este meu artigo: "A tradição e o colégio culto à ciência", porque nesse templo a educação foi alimentada pelo mais austero espírito da nacionalidade, pelo mais generoso coração de S. Paulo e coroado pelo ideal mais bendito que reside nos recessos da alma humana. Por isso, "o colégio culto à ciência" é obra da própria alma de Campinas, e o seu ideal é o mesmo que alimentou os republicanos, a liberdade exige que o homem faça ao lado do direito, o templo da civilização, e esse templo aí está, como exemplo único na história brasileira, norteando o espírito e alentando corações, como se nos seus alicerces a tradição fosse facho sagrado, forjando homens, ideias e sentimentos.

A presença do espírito humanista — Pelo livro do nosso prezado mestre, percebe-se que na formação do "Colégio Culto à Ciência", esteve o espírito dos maiores humanistas; desde o seu alicerce até a sua cúpula, desde os contornos estéticos até o elemento humano na catedral, houve a sabedoria do humanismo. Daí o motivo por que a obra não sofreu as contingências do tempo, nem o efeito malevolente da mediocridade que rasteja por aí, mas ergueu-se, soberanamente, sobre escombros, e ali ficou impassível e heroica, desafiando o homem e a natureza, num atestado evidente da imortalidade frente às coisas que morrem. Ali o mestre, os serventes, os auxiliares, os diretores, todos eram um no ideal e na vida: a finalidade educacional deve sobrepor-se ao faccionismo, porque educar é viver o divino modelo, alma límpida, coração límpido e vida abençoada.

Mestres, Heróis e Martires — A história do Colégio Culto à Ciência é a rememoração genuína da história do mestre, do herói e do mártir, porque ali pontificou a sabedoria na sua grandeza opulenta e na sua luminosidade solar; ali morou a coragem, a audácia, o destemor, o espírito de abnegação, o herói coberto de pó, coberto de palmas e coberto de canseiras e ingratidões; ali residiu o mártir, com o seu sacrifício, com o seu sofrimento, com a sua lágrima muda, santa e molhada pelos céus dos sonhos messiânicos. Não me recordo de todos os nomes heróicos, mártires que deixaram o seu bordão junto à porta sagrada daquele templo, para viver o sossego do silêncio, mas aqui fica, sem nome, a homenagem de Campinas a esses vultos proeminentes, humildes, sábios, generosos, almas de elite, corações de missionários, aqui fica o tributo da geração moderna, como reconhecimento a essa obra imortal, feita para engrandecer Campinas e a nacionalidade.

A Ilusão, a glória e o mérito — Duas figuras, neste instante recebem com glórias a ilusão dos tempos idos do Colégio Culto à Ciência: o prof. Anibal de Freitas e o prof. Carlos de Paula; ambos acompanharam o evoluir do templo augusto. Eles, juntamente com outros mestres distintos que vivem, desfrutam a gloriosa tradição, e não ha exagero em afirmar que ambos estão bem nesse usufruto, porque são figuras que honram o ensino, a virtude, o homem, a cultura e o Brasil. A amizade de ambos é uma honraria inesquecível ao coração de jovem acadêmico, e por isso, quero que eles recebam, como vultos que estão ligados ao colégio, a obrigação da mocidade, e estou certo que os atuais professores saberão, através do livro do dr. Carlos de Paula, continuar a trajetória de luz desse templo que não só iluminou Campinas, mas o Brasil, formando o homem. Aos mestres mortos, aos mestres vivos, aos atuais mestres, a profunda homenagem da juventude licenciada da Faculdade de Filosofia.